

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755

Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia

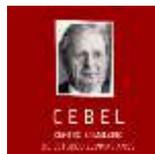
ISBN: 978-65-00-00046-7

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação dá filosofia levinasianos pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

A LINGUAGEM DO FEMINISMO ANTE O ROSTO DO OUTRO
THE LANGUAGE OF FEMINISM BEFORE THE FACE OF THE OTHER

Patrícia Menezes de Queiroz Vieira

Resumo

O presente estudo baseia-se na crítica ao feminismo formulada por Judith Butler e conjuga com a proposta fenomenológica de Emmanuel Lévinas. Questiona o feminismo enquanto teoria por usar a linguagem normativa e totalizadora que o fez necessário enquanto teoria crítica, com o fundamento de emancipação da mulher, e propõe uma nova percepção da teoria a partir da linguagem, em Lévinas, enquanto abertura e interpelação do encontro com o rosto do Outro. Propõe-se perceber o feminismo enquanto movimento que deve renascer na base fenomenológica do saber.

Palavras-chave: Feminismo, Linguagem, Rosto

Abstract/Resumen/Résumé

This essay is based on the critique of feminism formulated by Judith Butler and combines with the phenomenological proposal of Emmanuel Lévinas. Criticize feminism while theory by using the normative language and totalizing that made it necessary as critical theory, on the grounds of emancipation of women, and proposes a new perception of the theory from the language, in Lévinas, while openness and way of encounter with the face of the Other. Proposes to understand feminism as a movement that must be reborn on phenomenological basis of knowledge.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Feminism, Language, Face

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo feminismo designa um movimento social identitário que reivindica a participação da mulher na sociedade de maneira diversa do histórico construído no curso dos anos. O termo mulher enquanto questionamento filosófico é percebido como quem de sexo biológico distinto do homem e que em virtude dessa distinção, teve uma participação secundária na história da humanidade. O arcabouço que a história traz apresenta a importância do feminismo, e as mudanças atuais na sociedade apresentam sua relevância, entretanto enquanto tema a ser analisado a partir do método fenomenológico do saber, o questionamento aqui proposto, busca uma análise das bases dessa terminologia e desse movimento.

A fenomenologia surge com Edmund Husserl e tem em Martin Heidegger, também, um grande expoente. Mestres de Emmanuel Lévinas, autor que precipuamente em sua análise sobre a linguagem é marco para os presentes questionamentos. A fenomenologia é uma forma de se fazer ciência buscando descrever a transcendência do conhecer, e se propõe como método de abordagem e descrição prudente dos fenômenos, tomando a consciência de si pela subjetividade transcendental (LÉVINAS, 1997, p. 14). A fenomenologia requer assim daquele que conhece algo a compreensão de que sua subjetividade (LÉVINAS, 1997, p. 16), o seu ser no mundo, define os conceitos paradigmáticos do conhecer que se restringe sempre à narrativa da primeira pessoa (ZAHAVI, 2015, p. 21).

Compreendendo a situação em que se encontra, aquele que descreve o fenômeno deve sempre apresentá-lo de maneira prudente, de maneira a respeitar aquilo que o rosto do Outro o interpela, demonstrando a abertura do eu ao que se apresenta e se dispendo a perceber aquilo que se mostra (LÉVINAS, 2000, p. 79).

Emmanuel Lévinas trás em seus estudos diversos conceitos que buscam pautar a fenomenologia enquanto filosofia da liberdade (LÉVINAS, 1997, p. 63), por apresentar a necessidade da compreensão da situação daquele que conhece, ao conhecer, pauta esse conhecer a necessária responsabilidade originária ao Outro (LÉVINAS, 2017, p. 31). Essa compreensão leva aquele que conhece a compreender que a relação que se afasta da totalidade, do Mesmo, que busca ir ao Outro só é possível no *frente a frente* quando pelo discurso, pela linguagem, que sempre tende à bondade, é possível a alteridade (LÉVINAS, 2017, p. 26).

A fenomenologia surge não apenas como filosofia da liberdade, mas como método que requer do cientista a consciência de si e a responsabilidade irrestrita advinda da relação com o Outro na concretude (LÉVINAS, 2017, p. 39). Na linguagem o Outro se revela, e o

rosto de Outrem fala e exprime sua infinitude (LÉVINAS, 2017, p. 54), nesse *frente a frente* revela-se a dimensão ética dessa relação que vai além do dito e busca alcançar o dizer (LÉVINAS, 2014, p. 10), para além de uma compreensão, busca um agir que *frente a frente* com o rosto do Outro fala com ele antes de falar dele (LÉVINAS, 2014, p. 8).

A totalidade, a identidade, afasta a prática da alteridade e a partir da fenomenologia o presente estudo busca apresentar algumas críticas à linguagem utilizada pelo feminismo, a qual não se apresenta como abertura, e propor um repensar da base desse movimento.

2. A LINGUAGEM DO FEMINISMO

O feminismo apresenta-se enquanto uma teoria crítica da sociedade (AMORÓS, 2008, p. 12) e também como um movimento político de mudança do papel da mulher na sociedade (FEMINISTAS, 2018). Ao tratar de feminino, feminismo, mulher, a filósofa Simone de Beauvoir destaca-se; questiona, em primeira pessoa, e expressa o papel da mulher enquanto segundo sexo na narrativa da história da humanidade, a figura do masculino impera na narrativa, a construção propõe assim o homem enquanto sujeito, enquanto absoluto e a mulher enquanto Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 10). Beauvoir evidencia a sombra lançada sobre o feminino e questiona o que é ser mulher. Apresenta que a função de “fêmea” não é suficiente para clarear o conceito, tampouco o conceito de “eterno feminino” ilumina o que venha a ser mulher, na perspectiva do agir fenomenológico, apresenta que, para a definição do conceito, primeiro é necessário a declaração: “Sou mulher.” (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

A narrativa histórica tem papel fundante no feminismo, pois o papel da mulher ao ser descrito, o foi de maneira totalizante. A fenomenologia apresenta-se aqui mais forte como método científico, pois critica essa construção histórica que totaliza o Mesmo e o Outro, e afasta-se da responsabilidade irrestrita fundamental dessa relação que é abertura a Outrem (LÉVINAS, 2017, p. 27). A mulher sempre foi percebida, e essa imagem reproduzida, como o segundo sexo, aquela que não é absoluto, que é a ausência do masculino.

Beauvoir clarifica esse fenômeno de totalização dos termos, da distinção entre o eu e o outro enquanto amarras à mulher (BEAUVOIR, 1970, p. 14).

Na construção fenomenológica, afasta-se essa realidade da racionalidade ocidental e busca compreender o fato de que o conteúdo do Eu é a identidade, o Eu busca se definir, não apenas pela individualização em um sistema de referências, mas da própria necessidade de

possuir uma identidade (LÉVINAS, 2017, p. 22), cita-se Beauvoir: “[...] a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro.” (BEAUVOIR, 1970, p. 14), e essa racionalidade ocidental de totalização criou uma distinção política e social do papel da mulher na sociedade. O feminismo surge em um paradigma histórico, social, que baseia sua narrativa na perspectiva racional da identidade. O eu identifica-se principalmente ao dizer o que não é e ao afastar-se do Outro. A construção da sociedade se dá com os conceitos base de eu e outro, de identidade e alteridade, e Beauvoir lembra que “[...] a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si.” (BEAUVOIR, 1970, P. 11).

Conceituar é dar sentido, conhecer é ver o sentido, compreender é perceber de onde surgem os parâmetros que dão o sentido, e assim tanto a fenomenologia, quanto Emmanuel Lévinas ao propor a ética enquanto filosofia primeira, busca questionar a base do sentido, da racionalidade (LÉVINAS, 2014, p. 27).

O feminismo enquanto crítica à sociedade utilizou das mesmas bases de compreensão do objeto criticado. O presente estudo surge do pressuposto de quê o que trouxe o feminismo até o momento presente, não é aquilo que o levará em frente enquanto movimento político, enquanto teoria crítica, e assim o questionamento da compreensão se faz necessário para percorrer novos caminhos.

Judith Butler, filósofa moderna, questiona, não apenas o que é ser mulher, baseando-se em questionamentos sobre normatividade, mas também o feminismo. Butler apresenta que a teoria feminista desenvolve uma linguagem que se adéqua a representar a mulher, com o fim de alcançar visibilidade política (BUTLER, 1990, p. 1). Em *Gender Troubles*, Butler questiona o conceito de gênero, de sexo e, questiona a base do feminismo que advém do conceito de mulher, surge novamente a questão: o que é ser mulher? Quarenta anos após os questionamentos de Beauvoir. A resposta a tal pergunta, por não ser possível de maneira abstrata, surge com a constatação, de que o feminismo, enquanto movimento político contendo em sua base a filosofia de Beauvoir, continua estruturando-se no racional da totalidade, ao assumir que a palavra mulher é uma identidade comum (BUTLER, 1990, p. 3).

Torna-se impossível separar a produção e manutenção do feminismo, da perspectiva política e cultural da conceituação de gênero (BUTLER, 1990, p. 3). A palavra gênero surge no século XX a partir da demarcação do espaço da mulher nas descrições dos fatos sociais (KANGUSSU; LINO, 2008, p. 136), surge, das narrativas totalizantes, que universaliza o

papel da mulher a partir de uma estrutura patriarcal e de dominação masculina que apresenta consequências coercitivas e regulatórias a construção do termo mulher (BUTLER, 1990, p.3).

Beauvoir impulsionou o nascimento do feminismo que surge alguns anos após a primeira publicação de seu livro e, esse movimento, surgido em meados da década de 60 é objeto de crítica por Judith Butler em 1990, tendo em vista que se fundou em uma teoria que buscava afastar a totalização de termos que infligiu à mulher essa realidade, mas se expressa por ela.

As consequências dessa maneira de pensar, fundada em uma normatividade identitária, são coercitivas e regulatórias; o feminismo manteve essas consequências coercitivas e regulatórias, mas expressando em seu discurso que o fazia por razões emancipatórias (BUTLER, 1990, p.4).

Célia Amarós, de maneira a alocar o narrado em termos históricos apresenta que o feminismo se vale da linguagem iluminista para descrever-se a si (AMARÓS, 2008, p. 24), e conclui que tal linguagem “foi e segue sendo, no infinito jogo de suas ressignificações, uma adequada e eficaz aliada da luta das mulheres, não dos anjos.” (AMARÓS, 2008, p. 37).

Não há como negar a percepção do feminismo como movimento importante na construção e reconstrução histórica, bem como percebê-lo como caminho crítico que apresentou novos caminhos, a tautologia dessa prática trouxe o feminismo até aqui, mas é imprescindível compreender que não o levará adiante, pois a construção normativa identitária que preenche a história desse movimento já o faz ser ignorado por quem diz proteger. Após a fenomenologia, Beauvoir, Butler, vê-se insuficiente o uso da linguagem iluminista, da normatividade identitária, da totalização de termos para a manutenção do feminismo enquanto movimento relevante à construção da humanidade. E parte o presente estudo do apontamento de Butler: o feminismo enquanto prática política deve repensar as construções ontológicas de identidade para que renasça (BUTLER, 1990, p.5).

O problema hermenêutico não se encontra no termo identidade, pois principalmente em uma análise do feminismo enquanto movimento político é possível perceber características que o identificam, a totalização dos conceitos de identidade: ser mulher no Brasil é o mesmo que ser mulher na Arábia Saudita? Ser mulher na Somália é o mesmo que o ser nos Estados Unidos da América? Ser mulher no Paquistão é o ser na Inglaterra? Ser mulher branca é o ser negra?

Ressalta-se que as distinções dentro do movimento feminista são impulso da presente pesquisa, pois há grandes complicações enquanto política ante a ausência da percepção das particularidades daquelas que o integram. O feminismo negro enquanto construção tem em

sua base o racismo estrutural da sociedade (RIBEIRO, 2018, p. 132) e essa luta conjunta entre o racismo estrutural e a complexidade de ser mulher acaba por dificultar o papel da mulher negra no movimento que por vezes é dominado pelas mulheres brancas (FEMINISTAS, 2008).

Assim, enquanto movimento político a linguagem do feminismo precisa renascer:

Quando dizemos que querer a paz significa atenção voltada para a política, o objetivo é ressaltar a inescusabilidade do exercício de um atributo ético-social definidor da identidade não só nacional, mas da identidade do ser no mundo. Isso já diz o essencial de político, ou seja, ser com o outro. (MEGALE, 2019b, p. 83).

É preciso perceber o político enquanto caminho para a resolução de conflitos, enquanto espaço de ser com o outro, e assim compreender a linguagem enquanto testemunho da realidade humana, como condição da existência humana, e assim ao ser retirada a voz, há subordinação a quem a tem (MEGALE, 2019a, p. 63). Assim foi feito com a mulher, a quem foi retirada a voz, e assim o faz o feminismo, quando mantém a estrutura de compreensão que permite a totalização do ser.

3. A ABERTURA AO ROSTO DO OUTRO

A fenomenologia enquanto teoria do conhecimento apresenta a importância da linguagem como modo de ser do humano, e apresenta como característica dessa linguagem a abertura ao outro, a compreensão de si como ser no mundo e a abertura para compreender o outro enquanto tal. Emmanuel Lévinas apresenta essa abertura como primária, característica da relação com o Outro, que se dá no *frente a frente* requerendo do eu um agir que se dispõe, se prostra, e que compreende o Outro como estranho, como aquele que não compartilha comigo a minha morada, e que o vê como um ser que não posso poder (LÉVINAS, 2017, p. 25). Não posso impor ao Outro o meu conteúdo de identidade, não posso dizer a ele quem é, pois sobre ele não posso poder.

Ressalta-se que na leitura de Beauvoir vê-se no termo Outro não a essência da alteridade, mas sim a imposição da identidade, quando narra: “[...] a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro.” (BEAUVOIR, 1997, p. 14), o outro se apresenta enquanto parte da definição do eu, conteúdo dessa necessidade do eu de dizer-se quem é, na fenomenologia, com Lévinas o Outro é aquele a quem não posso alcançar, definir, poder.

No *frente a frente* com o Outro o percebo enquanto estranheiridade, e ao agir fenomenologicamente, eticamente, me prostro e falo a ele, antes de falar dele, lanço-me nessa relação enquanto abertura e percebo o Outro em seu conteúdo de ser absolutamente Outro – Outrem. Impor o conteúdo do eu ao Outro, que é estrangeiro, que com o eu não compartilha a morada é agir distintamente à proposta fenomenológica, é olvidar-se da estrutura básica dos fenômenos que é a compreensão de si enquanto ser no mundo, enquanto primeira pessoa, e é totalizar o Outro enquanto parte do Mesmo. Dizer quem é o Outro é destruir a alteridade, é sintetizar a experiência humana e destruir a amplitude que existe no fenômeno (LÉVINAS, 2017, p. 26).

O que faz o feminismo quando aduz defender a igualdade entre homens e mulheres? Quando apresenta a necessidade de mudança dos parâmetros sociais? Quando se define enquanto teoria crítica e enquanto movimento político? Trás em si a linguagem iluminista, que carrega em si a sua verdade, a sua totalização, trás referências coercitivas, normativas, apenas com o fundamento diverso de emancipação, usa da estrutura que pretende quebrar.

A busca científica que se busca hoje é a da abertura, da compreensão, de um agir condizente ao teórico, de um dizer mais importante que o dito, de uma ética que nos escolhe e que é ouvida, da análise do concreto ante essa indistinta necessidade de universalizar termos, teorias e técnicas.

O Outro desperta algo na consciência, que desconcerta a própria consciência, o Outro não pode ser absorvido pelo eu, ele se recusa e essa incompreensão inquieta a consciência (MENEZES, 2008, p. 149). É fundamental o compreender de que o eu só se constitui de maneira ética, no modo da bondade quanto totalmente aberto ao Outro.

Inquieta-se o eu quando se lembra da impossibilidade de dizer quem é o Outro, como uma ferida que se abre quando da abertura, ferida essa que não se cicatriza, peso que não pode ser aliviado (MENEZES, 2008, p. 154), é fácil sair desse caminho e normativizar, totalizar, identificar. Mas, há de compreender que a maneira fácil não é se comunicar, não é expressar-se, não é desempenhar o papel que a linguagem tem, a abertura é conteúdo de ser, assim o modo do Mesmo não é ser.

A normatividade opera em sentido abstrato, opõe-se à concretude que é base da ciência fenomenológica, é base da abertura do ser, a concretude que observa o presente estudo é que o feminismo encontra-se atrelado à estrutura racionalista que o fez ser necessário enquanto teoria crítica, enquanto movimento político e social. Há de perceber que o movimento feminista é percebido como movimento identitário e a compreensão que requer a

ciência fenomenológica é que a racionalização da identidade não mais cabe na construção e na narrativa, pois tira do conhecer a alteridade e a abertura.

É necessária a ruptura da totalidade para a vida ética, para a construção da ciência, para o agir humano, para a construção de uma relação que não constitui uma totalidade é necessário o *frente a frente* (LÉVINAS, 2017, p. 26), o romper a totalidade: “A ruptura da totalidade não é uma operação de pensamento, obtida por simples distinção entre termos que se atraem ou, pelo menos, se alinham. [...] o pensamento consiste em falar.” (LÉVINAS, 2017, p. 26-27), requer o falar, mesmo que a linguagem, não possa tocar o outro, o interpela, constitui o infinito que contém o ser em todas suas possibilidades (LÉVINAS, 2017, p. 50).

O falar, o discurso tende para a bondade, e só se dá enquanto abertura, enquanto ruptura (LÉVINAS, 2017, p. 26), e a estrutura sob a qual se formula o feminismo não compreende essa realidade.

Em diálogo com Lévinas, Butler apresenta a importância do estudo do autor enquanto questionamento da relação entre o Eu e o Outro que se segmenta entre representação e humanização, e pelos questionamentos sobre violência e ética, que propõem assim escutar o rosto do Outro, em seu falar diverso da linguagem, para entender a precariedade da vida do Outro que propõe ao Eu o mandamento ético da responsabilidade irrestrita para com Outrem, e assim perceber na construção do público – político – a democracia advinda dessa receptividade e desse escutar (BUTLER, 2011). Embora nesse diálogo com os estudos de Lévinas, Butler não tenha apresentado uma relação com seus questionamentos em *Gender Trouble*, o que é proposto nesse estudo, há de salientar que a autora no artigo que conversa com as perspectiva levinasiana vê nessa abordagem a possibilidade de saída dos esquemas normativos que prendem, aqui, não apenas o feminismo enquanto teoria, mais da ideia de humano em sentido amplo.

4. A FENOMENOLOGIA – RENASCIMENTO DO FEMINISMO

O questionamento de Butler na década de noventa, mantêm-se atual, pois o feminismo construiu-se na estrutura racional que subverteu a alteridade, construindo o papel da mulher enquanto Outro que funda a identidade do eu, designando à mulher um papel diverso daquele que figurava o narrador. A totalização construiu no todo da humanidade diferenciações entre o feminino, masculino, mulher, homem e firmou-se em uma normatividade narrativa e construtiva. E o feminismo mantêm-se nessa totalização e normatização, subvertendo a ideia de identidade, construindo-se como um movimento de

emancipação quando em seu cerne não questiona a normatividade que fundamenta as diferenças identitárias. Mantêm-se refém de conceitos como sexo e gênero.

A fenomenologia enquanto ciência da liberdade visa afastar-se de estruturas que mantenha o ser refém, e apresenta a linguagem enquanto modo de ser, que o desvela e que ante a responsabilidade irrestrita, primária, que o eu têm para com Outrem, tende à bondade:

A fenomenologia é a evocação dos pensamentos – das intenções subentendidas – mal entendidas – do pensamento que está no mundo. Reflexão completa, necessária à verdade, ainda que o seu exercício efectivo houvesse de fazer aparecer os seus limites. Presença do filósofo junto das coisas, sem ilusão, sem retórica, no seu verdadeiro estatuto, esclarecendo precisamente este estatuto, o sentido da sua objectividade, do seu ser, não respondendo apenas à pergunta de saber o que é?, mas à pergunta como é que é, que significa que ele seja?. (LÉVINAS, 2000, p. 23-24)

O feminismo assim deve buscar na abertura da linguagem a sua base, com o fito de ser bondade e não uma nova expressão da estrutura totalizante, a partir do método fenomenológico questionar como é e o que significa que seja, assim ressurgirá enquanto movimento e teoria.

A descrição do fenômeno requer a compreensão de si, enquanto ser no mundo, e requer a compreensão do mundo, enquanto algo dado e com inúmeras peculiaridades, requer a prudência daquele que conhece, que explica, que descreve de maneira tal que expresse sua compreensão na descrição do fenômeno apresentada. Assim, o feminismo, enquanto teoria crítica da sociedade e movimento político e social, não deve fundar-se em bases abstratas que tem como único caminho a totalização de conceitos e deve compreender o ser e o mundo de cada fenômeno que se propõe conhecer.

O feminismo apresentou que no curso da história a voz da mulher foi calada, que a totalização ante seu ser a fez ser outro, um outro não ouvido e apenas necessário à definição do eu que contou a história, e assim agora que conheceu tal fenômeno, deve compreender que manter-se com a fundamentação de sua teoria em conceitos totalizantes apenas a mantém, e mantém Outrem refém.

Assim como a fenomenologia é ciência da liberdade, o pode ser o feminismo, e a sua construção teórica pautada na metodologia fenomenológica possibilitará grandes passos a caminho da paz, da bondade e da alteridade.

Há mais que o feminismo pode ser, não se esquecendo do que foi, do que promoveu, mas na perspectiva de poder ser uma estrutura de ruptura da totalidade.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo se propôs a perceber nos questionamentos iniciais de Simone de Beauvoir e Judith Butler o cerne da proposta fenomenológica como teoria do conhecimento e método científico na perspectiva do questionamento do feminino e do feminismo. Há nos questionamentos das autoras o agir fenomenológico.

Voltando-se especificamente para os estudos de Emmanuel Lévinas buscou-se compreender a linguagem enquanto espaço de encontro com o Outro, que tende à bondade, que nos elege primariamente, no frente a frente com Outrem.

Propõe assim, um repensar do feminismo, enquanto teoria e movimento, a partir da fenomenologia enquanto teoria do conhecimento.

É possível e necessária a construção do feminismo enquanto fenomenologia.

REFERÊNCIAS

AMORÓS, Célia. Movimentos feministas e ressignificações lingüísticas. In: **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero** / organizadoras, Marcia Tiburi e Bárbara Valle. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.p 12 – 39

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 1. Fatos e mitos**. 4ª ed tradução de Sergio Milliet Editora: Difusão Europeia do Livro 1970 SP

BUTLER, Judith P. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. 1990 by Routledge, Chapman & Hall, Inc. USA, P. VII

BUTLER, Judith P. Vidas precárias. **Contemporânea**, São Paulo, n.1, p. 13-33, jan./jun. 2011.

FEMINISTAS: O que elas estavam pensando. Direção Johanna Demetrakas. Netflix, 2018 (86 min).

KANGUSSU, Imaculada; LINO, Alice. Alice disse. Sobre Kant e as mulheres. In: **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero** / organizadoras, Marcia Tiburi e Bárbara Valle. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. P. 136-145

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. Tradução de Fernanda Oliveira.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000. Tradução de João Gama

LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do rosto**. Tradução: Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Edições 70, 2017. Tradução de José Pinto Ribeiro.

MEGALE, Maria Helena Damasceno e Silva. **Direito, Política e Teatro**. Belo Horizonte: D'Placido, 2019a.

MEGALE, Maria Helena Damasceno e Silva. **O Horizonte Hermenêutico da Paz: essencialidade nas relações de conflito**. Belo Horizonte: D'Placido, 2019a.

MENEZES, Magali Mendes de. Um dizer feminino: a maternidade como expressão da subjetividade no pensamento de Emmanuel Lévinas. In: In: **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero** / organizadoras, Marcia Tiburi e Bárbara Valle. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. P. 146 – 166

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ZAHAVI, Dan. **A fenomenologia de Husserl**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015. Tradução de: Marco Antonio Casanova.